



ATIVISTAS DA ANISTIA INTERNACIONAL DURANTE PROTESTO, NA ALEMANHA, CONTRA A PENA DE MORTE NO ESTADO NORTE-AMERICANO DO TEXAS

Tudo pelo social

João Cláudio Garcia
Da equipe do **Correio**
Com *El País*

Anistia Internacional (AI) é mais que o maior organismo internacional de defesa dos direitos humanos. É a vanguarda das organizações não-governamentais (ONGs), e seus mais de um milhão de integrantes ditam tendências entre ativistas. A tendência atual é o combate às mazelas do capitalismo: durante o 25º Encontro do Conselho Internacional da AI, que terminou ontem no Senegal, o principal debate foi sobre a inclusão das desigualdades sociais e econômicas na lista de problemas que devem ser combatidos. Para a maioria dos mais de 500 delegados presentes, a globalização se transformou numa fonte de desrespeito aos direitos do homem.

A mudança coincide com a chegada da bengalesa Irene Khan à Secretaria Geral da organização. No dia 17 ela herdou o cargo do senegalês Pierre Sané, que em seu discurso de despedida afirmou que "a globalização está esmagando muitos países e transformando a pobreza numa das questões prioritárias

dos direitos humanos". A Anistia Internacional concluiu que o aumento da miséria provoca uma escalada paralela dos crimes contra a humanidade.

Ao encarar as desigualdades sociais e econômicas como um desafio, a AI acorda para fatos alarmantes da globalização: mais de 80 países tinham no ano passado renda per capita inferior à de 1990. A organização

não quer parar no tempo enquanto os mais recentes e barulhentos movimentos antiglobalização lembram, a cada cúpula de organismos internacionais, a dimensão da desigualdade social no planeta. Cerca de 1,3 bilhão de pessoas vivem com US\$ 1 a cada dia. Mas a pobreza vai além da falta de dinheiro: a carência de serviços básicos, como água potável e atendimento médico, faz com que a expectativa de vida de quase 80% das populações nos países mais miseráveis seja de apenas 40 anos.

DEFENSORA DA LIBERDADE

A Anistia Internacional surgiu de uma idéia do advogado britânico Peter Benenson. Indignado com a prisão de um grupo de portugueses que fizeram um brinde pela liberdade num restaurante público em 1961, durante a ditadura de Antonio de Oliveira Salazar, ele lançou no jornal London Observer uma campanha chamada "Apelo pela Anistia". No final daquele ano era fundada a Anistia Internacional. A luta contra prisões injustas, tortura e pena de morte rendeu à organização o Prêmio Nobel da Paz em 1977. No relatório deste ano, a Anistia criticou violações dos direitos humanos em 149 países, inclusive o caso do massacre da Novacap, em 2 de dezembro de 1999, quando um operário foi morto e 30 feridos pelo ataque da tropa de choque da Polícia Militar do Distrito Federal.

Brasil, em Porto Alegre. "Mesmo antes de começarem esses grandes protestos nós já nos manifestávamos contra outros problemas sócio-econômicos, como a venda de diamantes em Serra Leoa para o financiamento de grupos guerrilheiros."

Depois de 40 anos de fundação, a Anistia Internacional reparou que democracia não é sinônimo de justiça social. Antigas democracias — como a Venezuela, que ao contrário da maioria dos países latino-americanos não sabe o que é ditadura há mais de 40 anos — e também as novas — como a Índia, que só se tornou independente da Grã-Bretanha em 1947 —, passam por problemas semelhantes: muita pobreza e dificuldades para fornecer serviços básicos à população.

Outro dilema que a AI ainda deve resolver é o seu posicionamento sobre embargos econômicos e intervenções militares de forças internacionais de paz. Alguns delegados acreditam que as violações aos direitos humanos em algumas regiões — como aconteceu no Timor-Leste e em Kosovo — são tão graves que a organização deve começar a apoiar intervenções pacíficas.